

A DITADURA FEMENISTA

HIPOTESE D'UM

FUTURO REGIMEN



VI

A ADESAO DAS MULHERES — UMA «DEMANCHE» FATAL — A TRAIIDORA — PRISAO DO CAPITAO ALBERTO
— UM JULGAMENTO NA BOA HORA — A SENTENÇA DA DITADURA

O capitão Alberto encontrou todas as facilidades na missão a que se impozera.

Os homens, já assediados por panelas e vassouras, já entediados pela imobilidade a que os sujeitara o novo regimen, prestavam-se sem objeções ao papel de conspiradores.

Para isso muito concorreram as inexoraveis medidas do governo provisório, que inibiam toda a aproximação das he-tes femeninas.

E embora os homens soubessem que aquelle estado de coisas era transitorio, que, com governo masculino ou femenino, os valores morais manter-se-iam intactos, resolveram apressar a catastrophe da ditadura.

Por sua vez, a maioria das mulheres não dispensava menor apoio à obra de insurreição em que vinha trabalhando o capitão Alberto. A supremacia do homem no lar ou em qualquer aspeito da vida, fora aceite pela mulher desde o berço e embora a mãe de Helena visse com certo prazer o marido entregue aos misteres domesticos, a maior parte das outras mulheres revoltara-se, ao verificar que seus esposos, pais ou irmãos, eram obrigados a exercer certos trabalhos que desde tempo imemoriais constituíam privilegio das mãos femeninas.

E succedeu, então, que eram as mulheres as mais encarniçadas inimigas da ditadura femenista, e isto porque aos seus corações sentimentaes confrangia essa troca rapida de situações, algumas das quaes improprias da pureza femenina.

E então conspiravam, apodavam de mistificadoras, de desequilibradas, a todas aquellas femenistas que constituíam os alicerces do novo regimen.

E desde esse momento, para a mulher portuguesa, entregue ao culto da sua alma e alheia a ambições politicas, a experiencia sociologica da «Femine Independent Association» tornou-se coisa odiosa, — e não foi julgada como uma aurora de emancipação, mas sim como um crepusculo, que era necessario retardar, de todos os verdadeiros dotes femeninos.

— Foi logico que o capitão Alberto, pessoa sapiente em psicologia, aproveitou este magnifico ambiente para acender a chama da contra-revolução. E tantas eram as adesões que lhe davam, que ele chegou-se a julgar o verdadeiro emancipador da mulher...

E, pela primeira vez, assistiu-se a um fenomeno que jamais, atravez de todos os tempos, se havia registado: — as mulheres guardarem rigorosamente um segredo, — o

segredo da conspiração... Este facto incutiu tal fé no brioso militar, que no dia seguinte ao da primeira sessão do Parlamento Femenista, ele apresentava-se arrojadamente no ministerio do interior, no desejo de obter da sua noiva Helena as necessarias facilidades para a proxima revolução.

Ninguém lhe impediu o caminho, porque naqueles extraordinarios dias a presença do homem era uma coisa tão singular, tão sobrenatural, que as sentinelas femeninas de serviço no ministerio, ao verem-no, julgaram-se no direito de desmaiar.

Helena rabiscava apressadamente um telegrama para Madrid, comunicando ao governo provisório, que sob a presidencia de Elza Sterne, orientava agora os destinos das espanholas, que por cá ia tudo ás mil maravilhas e que nessa tarde em S. Bento deviam usar da palavra 265 congressistas



— Tu aqui?! — exclamou ela com o mais estranho espanto, ao ver o capitão entrar. — Como livrete o arripo...

Alberto ia para explicar-lhe a sua vinda, quando Helena, olhando o indicador nos lábios, lhe ordenou:

— Cala-te! Cala-te! Se ela te ouve, estás perdido!

Refreia-se a Marcia Arado, a ilustre ministra do interior e da guerra, que se encontrava num gabinete ao lado.

O capitão arrastou delicadamente a sua noiva até uma das janelas próximas e ali lhe revelou o objectivo da sua presença naquele tão perigoso lugar.

Quería que Helena lhe fornecesse os elementos precisos para ele avaliar as forças de que o governo lemenista dispunha. Desejava conhecer os efectivos sob a alçada do ministério da guerra e a organização policial a cargo do ministério do interior.

— E ninguém melhor do que Helena, secretaria duma ministra que ocupava conjuntamente as duas pastas, lhe podia fornecer esses preciosos pormenores.

Helena vacilava. O seu amor a Alberto e o seu sentido de fidelidade tornavam-a indecisa.

Estava bela assim, a cabeça levemente inclinada para traz, as palpebras semi-cerradas, os lábios vermelhos e húmidos esperando o momento de pronunciarem a resolução que tardava.

O capitão não se conteve e, passando-lhe a mão pela cintura, beijou-a sofregamente.

Foi um acto de desastrosas consequências, porque nesse momento, Marcia Arado, abria a porta do seu gabinete e casualmente surpreendia-os em flagrante.

As largas faces da ministra tornaram-se rubras e julgando que aquele homem nada tinha com Helena, supondo que ele era um ousado qualquer, chamou nervosamente duas sentinelas, que já haviam recuperado os sentidos, e mandou-o prender.

Helena, não se conteve, seu coração pode mais que seu dever,—e protestou contra aquela decisão de Marcia Arado.

Esta, compreendendo, enfim, a situação, esbugalhou os olhos e, num gesto de ira, ordenou:

— Prendam também esta mulher, que é uma traidora!

E já calma, já satisfeita, a ilustre titular do interior e da guerra, pousado suas largas e polpudas mãos sobre as ancas, ficou-se a ver os dois partirem, entre quatro sentinelas armadas, a caminho da prisão.

Depois, Marcia Arado voltou ao seu gabinete, colocou o chapéu, agarrou sua pasta ministerial e saiu.

Na Arcada, ao subir para o seu automóvel, ordenou à *chauffeur*:

— Para a Boa Hora!

Nessa tarde se fez lugar o julgamento daquela pobre diaba que rasgou toda desconhecida levaram-na a seguir a miss Mary, no dia da revolução lemenista.

A inglesa acenava-o de lhe fazer a corte e ante a gravidade do tal crime, fora multa a todas as suplicas de perdão que lhe haviam feito.

Quando Marcia Arado, testemunha de acusação por «mover dizer», entrou no tribunal, este já estava constituído.

Na presidência uma senhora extremamente obesa, extremamente adiposa, deixava que seu corpo transbordasse da larga poltrona que lhe fora reservada e com minuciosa atenção prescrevia, através dos amplos olhos que jaziam sobre o seu nariz roliço e vermelho, tudo o que se passava na sala.

Ao lado estavam as juradas, fingindo uma naturalidade e sangue frio que não tinham e, finalmente, no primeiro plano encontravam-se as advogadas de acusação e defesa.

A parte reservada ao público estava completamente cheia, mas de homens apenas se via o reu, alto, pálido, delinhado, a cabeleira desgredinhada e os olhos perdidos em sonhos distantes, muito distantes...

O libelo acusatorio era tremendo:

Um homem de desconhecida procedência atrevera-se a seguir, decerto para a cortejar, a miss Mary Goldsmith, eminente cidadã inglesa a quem a pátria tanto devia.

Este crime monstruoso, era tanto mais digno de severa punição, quando é certo que fora praticado no proprio dia em que, graças à vítima, se havia proclamado definitivamente a emancipação da mulher.

Da leitura do processo depreendia-se a premeditação do atentado, pois o preso conservara-se inexoravelmente calado durante os interrogatorios a que fora sujeito.

Chamadas as testemunhas de acusação, quasi todas elas ministras do governo provisório, declararam que, na tarde do crime, encontravam-se no ministério do interior, aguardando a vítima para deliberarem sobre os altos destinos da pátria, quando chegou miss Mary, afogueada, quasi desfalecida, apesar de sua robustez, narrando-lhes depois as causas de sua demora, e as providencias que adoptara para que o criminoso não se evadisse.

Adelia Cadete, Marcia Arado e especialmente a poetisa Vera Vitoria, foram inclementes para aquele homem que assim ultrajara uma tão preclara cidadã, tendo o depoimento destas tres testemunhas causado profunda emoção.

Desvairado, o reu resolveu então falar.

(Continúa).



Edifício da Boa Hora